

CÂNDIDA LEMOS

candida.lemos@prof.una.br

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNA (BRASIL)

A MÍDIA SONORA COMO INSTRUMENTO DE FORMAÇÃO E INCLUSÃO SOCIAL DE JOVENS PROTAGONISTAS EM REDE DE ENSINO PÚBLICO NO BRASIL

RESUMO

A produção sonora por adolescentes é a base do projeto Radioescola, que pertence ao Programa Escola Integrada, parceria da Prefeitura de Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais, Brasil, e o Centro Universitário UNA, de acordo com políticas de melhoria do Ensino Fundamental da rede pública. Portanto, alunos de graduação da UNA são monitores bolsistas e realizam oficinas em escolas municipais, no programa criado em 2007 pela Prefeitura, que visa a ampliação do tempo do aluno na escola, já que a permanência dos alunos é de apenas quatro horas, na maioria das escolas do país. Como objetivos específicos, o projeto almeja desenvolver habilidades de comunicação oral, capacidade de síntese e de raciocínio, realizar pesquisas no âmbito da cultura e da música, em particular, diminuir a distância entre a sociedade e a escola. A mídia sonora, mais além do rádio tradicional transmitido pelas ondas hertzianas, ganhos novos atrativos em tempos de utilização tecnológica intensiva e insere-se no conceito de sonosfera, o som como ingrediente da comunicação dinâmica, atraente e capaz de aglutinar pessoas.

PALAVRAS-CHAVE

Sonosfera; comunicação e educação; tecnologia e cidadania

INTRODUÇÃO

O projeto Escola Integrada da UNA, parceria com a Secretaria de Educação da Prefeitura de Belo Horizonte, existe desde 2007, quando a administração municipal da cidade iniciou a implantação do Programa Escola Integrada, em algumas escolas da rede de ensino fundamental. Na prática, esta nova modalidade escolar funciona da seguinte forma: se o aluno tem aulas à tarde, as oficinas da Escola Integrada serão no período da

manhã tarde, na tentativa de que o aluno permaneça mais tempo na escola. Porém, em início de 2015, novas vagas para monitores estão suspensas e nem mesmo substituições para aqueles que deixaram o projeto estão congeladas. Há grande expectativa da comunidade acadêmica para o que o programa volte a funcionar em sua plenitude.

O projeto insere-se na política do município, segundo a qual:

Estende o tempo e as oportunidades de aprendizagem para crianças e adolescentes do ensino fundamental nas escolas da Prefeitura. São nove horas diárias de atendimento a milhares de estudantes, que se apropriam cada dia mais dos equipamentos urbanos disponíveis, extrapolando os limites das salas de aula e do prédio escolar. Estas oportunidades são implementadas com o apoio e a contribuição de entidades de ensino superior, empresas, organizações sociais, grupos comunitários e pessoas físicas. (Escola Integrada, 2014)

São cinco os objetivos da UNA com o Programa Escola Integrada, coordenado pela pedagoga e coordenadora do curso de Pedagogia da instituição de ensino, Carla Almeida:

Despertar uma visão crítica sobre a atual educação brasileira nos graduandos; ampliar o conhecimento sobre a realidade educacional; propiciar uma aproximação entre os alunos da graduação e a prática educativa; propiciar um espaço de observação da realidade escolar e da sua relação com a realidade social; e agregar novos conhecimentos para os alunos da graduação. (UNA, 2010)

Outras instituições de ensino superior também têm parcerias com a Prefeitura para atuar no programa, porém, neste artigo é focada apenas a parceria com a UNA. A instituição oferece cinco modalidades de oficinas, a saber: produção de jornal mural escolar; reforço escolar com jogos pedagógicos; teatro na escola; música, dança, corpo em movimento; e radioescola. Esta última é um braço do Projeto Escola Integrada, o Educom, da Secretaria de Educação.

Este artigo tem por objetivo apresentar e refletir sobre as experiências e ações desenvolvidas pelos bolsistas/monitores da UNA nas oficinas de radioescola em escolas de ensino fundamental da rede do município de Belo Horizonte. Os objetivos específicos são conhecer e problematizar as dinâmicas comunicacionais e pedagógicas utilizadas pelos oficinairos; as dificuldades que encontram para o pleno funcionamento do radioescola, os resultados já obtidos e os desafios que se colocam à continuidade das oficinas.

A EDUCAÇÃO PELO AVESSE

Ao comparar a educação formal e a formação por meio da cultura, Renato Janine Ribeiro afere que a cultura se insere à esfera da liberdade, ao contrário da educação formal que está circunscrita por rotinas e obrigações:

Na cultura se entra por onde se quiser, quando se quiser, sem inscrição, sem nada. Essa liberdade de entrar - e sair - aumenta seu prazer, justamente porque não é da ordem da obrigação. E por isso mesmo eu poderia dizer que a cultura é a educação vitaminada pelo prazer. Educação e cultura expressam o que o ser humano é capaz de criar. São o que mais dá poder ao indivíduo, ao ser humano, à pessoa. (Ribeiro, 2014)

A percepção de Ribeiro é que há necessidade de certa desordem na educação, na perspectiva de que o ensino, vez ou outra, deve sair da rotina e do universo do obrigatório e caminhar por outras trilhas: “Mudar essa ordem pelo avesso – ou simplesmente fazer as coisas fora de ordem – não é impossível, mas é difícil” (Ribeiro, 2014).

Na tentativa de unir novas formas de aprendizado, ferramentas de comunicação são cada vez mais utilizadas, em experimentos que buscam inovar e acrescentar aos métodos tradicionais. Esta perspectiva vai ao encontro do Art.13 da Convenção da Organização das Nações Unidas (ONU) relativa às crianças e adolescentes que declara que a criança

terá direito à liberdade de expressão. Esse direito incluirá a liberdade de procurar, receber e divulgar informações e ideias de todo tipo, independentemente de fronteiras, de forma oral, escrita ou impressa, por meio das artes ou de qualquer outro meio escolhido pela criança. (ONU, 1989)

Entre os meios de comunicação usados em práticas educacionais, está o rádio, ou algo similar a ele. Para Lima, implementar a linguagem de rádio no processo de ensino “cria uma nova alternativa para estimular a melhoria da qualidade de educação e as condições de trabalhos dos profissionais envolvidos no processo de ensino-aprendizagem” (2006, p. 2).

Cabe recordar que pensar o rádio e a escola em sintonia não é prerrogativa dos tempos atuais. McLuhan acreditava neste união:

A escola não pode desconsiderar ou negar a presença das mídias no cotidiano dos alunos. As novas tecnologias fazem parte do mundo da escola, do educando e do educador. Todos vivem e convivem numa sociedade movida

pela informação rádio, como as outras mídias eletrônicas, é mais dinâmico, atraente, sedutor e rápido do que a dinâmica escolar. Os meios de comunicação são a extensão do homem. (McLuhan, 1971, p. 36)

Apesar de todas as mudanças pelas quais este meio vem passando, da portabilidade, da frequência modulada, as mesas de operação digitalizadas e as plataformas transmedias da comunicação, as afirmações de McLuhan ainda vão ao centro da característica do veículo: a comunicação fácil, ágil e interativa. Para ele, o rádio fala

mais intimamente pessoa a pessoa, oferecendo um mundo de comunicação silenciosa entre o escritor/locutor e o ouvinte. Este é o aspecto imediato do rádio. Uma experiência particular. As profundidades subliminares do rádio são cobradas com os ecos ressonantes dos berrantes tribais e tambores antigos. Isto é inerente à própria natureza do meio, com o seu poder de transformar a psique e a sociedade numa única caixa de ressonância. (McLuhan, 1964, p. 261)

Apesar de a oficina radioescolar levar no próprio nome a palavra *rádio*, este é uma convenção quando o tema é som e não mais é usado em seu sentido *stricto sensu*. Hoje, o nome mais ilustrativo sobre o mundo das comunicações sonoras é *sonosfera*, que remete a qualquer contexto de produção sonora (Balsebre, 2013).

No contexto comunicativo, o som tem grande importância em vários aspectos, pois é essencial para a vida de muitas pessoas, está presente nos anúncios publicitários audiovisuais, nas vozes dos atores. Como disse Balsebre:

Podemos imaginar o mundo sem uma “caixa de som”? Pois o rádio pode ser a “caixa de som” do futuro. Talvez não um rádio como o temos entendido até o presente, mas sim um rádio com uma programação melhor orientada a uma audiência que seja capaz de valorar o som como uma questão essencial. (2013, p. 20)

Até então, o rádio era imaginado como “uma voz dentro de uma caixa” (Balsebre, 2013, p. 22). Porém, as novas gerações percebem que o som não necessita de uma caixa exclusiva. Portanto, “o som procede de dentro, de seu interior, e não de fora, porque nossos ouvidos eletrônicos, os fones auriculares passaram a ser os ouvidos naturais de muitos jovens” (Balsebre, 2013, p. 21).

IDENTIDADE E PERCEPÇÃO CIDADÃ

De acordo com a UNA, as ações realizadas no Programa Escola Integrada já beneficiaram diretamente mais de 12 mil alunos (2014). O programa é prestigiado pela instituição ao inseri-lo como atividade extensionista de ponta na “valorização das relações entre gestores, acadêmicos e a comunidade, além de permitir a necessária experiência na formação de profissionais identificados com interesses e direitos decorrentes do ensino público” (UNA, 2011).

O Projeto Educom.rádio, no Brasil, nasceu em 2001, fruto de um contrato entre a Secretaria de Educação da Prefeitura de São Paulo e o Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), na perspectiva de construção nas escolas públicas (Gonçalves & Azevedo, 2004; Dilkin & Torrescasana, 2010).

Na época de realização desta pesquisa, durante 2014, eram seis alunos bolsistas que atuavam em escolas em bairros da cidade de Belo Horizonte perfilados por moradores de baixa renda. As escolas onde operam as oficinas do Rádio Escola em relação ao Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), criado em 2007, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), que foi formulado pelo governo federal do Brasil para medir a qualidade do aprendizado no País e, ao mesmo tempo, estabelecer metas para a melhoria do ensino (Brasil, 2007).

A média nacional do Ideb 2013 foi 4,2 na faixa de 8ª a 9ª série de ensino e a capital de Minas Gerais apresentou índice superior à esta média: 4,5. Nas escolas de ensino fundamental que são abordadas neste trabalho, algumas situaram abaixo das médias nacional e municipal: Sebastião Guilherme de Oliveira e Escola Tancredo Phideas Guimarães, com notas 3,8 e 3,9, respectivamente. Já na Escola Prof. Daniel Alvarenga, o último levantamento foi em 2009, que aferiu a média de 2,6. Na escola Hugo Pinheiro, dos 3,8 aferidos em 2011, pulou para 4,8 em 2013. Já a Hugo Werneck apenas realizou o teste em 2005 e a média foi 3,2. A Escola Anne Frank manteve-se a média da cidade, com 4,4. BH. O Índice de desenvolvimento Humano (IDH) das localidades onde funcionam estas escolas está abaixo da média de Belo Horizonte, que é de 0,810. No vetor Norte da cidade, o IDH é 0,78. (PNUD, 2014).

A ementa da oficina Radioescola discorre: “O universo das produções radiofônicas. Produções sonoras. Signos orais, verbais, musicais e silêncios. Produção de sentido próprio do discurso sonoro. Identidade e reconhecimento de si nas produções realizadas na oficina”. Portanto, por

meio das oficinas busca-se a identidade e a percepção de cada aluno participante sobre si em um contexto educacional e social.

Aproximadamente 15 escolas desenvolvem atividades de radioescola. Sobre equipamentos e outras materialidades necessárias para que as oficinas se desenvolvam a contento, há falhas em questões vitais para o desenvolvimento do projeto, mas que podem ser solucionadas. A Escola Anne Frank, por exemplo, está em reforma e só por meio dela que será montado o estúdio de rádio, embora já haja todos os equipamentos necessários. Em outras escolas, os equipamentos específicos foram orçados e os orçamentos foram encaminhados à Secretaria de Educação para aquisição.

A escola referência da Oficina Radioescola é a Hugo Pinheiro Soares, onde estudam 400 alunos e mais de 200 deles participam na Escola Integrada. A estrutura do estúdio é bem completa: uma mesa de som com quatro canais, computador HP Linux, amplificador Onnel de 600 watts, DVD com entrada USB, três microfones, dois deles sem fio, cinco gravadores portáteis Sony. São oito caixas de som distribuídas pelo pátio para as transmissões no intervalo.

A Rádio Pedal – “Informação em Movimento” foi criada em junho de 2011. Trata-se de um triciclo adaptado com uma caixa de som instalada na garupa. Nesta estrutura se transmitem as mensagens gravadas em estúdio pelos alunos. Tocando músicas, informando notícias da escola e da comunidade, a Rádio Pedal seguida por alunos e moradores, caminha pelas ruas do bairro Concórdia (Figura 1).

Durante o intervalo das aulas, também há atividades da rádio. Em uma seleção de cinco músicas, os alunos escolhiam quatro delas e outra era selecionada pelo monitor/bolsista Marcelo Augusto de Souza, estudante de Cinema e Audiovisual da UNA. Porém, para que música seja tocada, o aluno deveria justificar, em uma breve redação, a sua escolha musical. Um adolescente propôs a execução de “Sonho de Pivete”, um *Rap* de sucesso no Brasil do grupo musical Família Shake.

A letra aborda os desejos de realização pessoal por meio do consumo de um menino morador em favela. Os versos finais são emblemáticos: “Me fez correr atrás e sempre lutar. Que nada é impossível se você acreditar”. Ou seja, ao autor está a ideia de reprodução de valores socialmente difundidos de que o sucesso depende do empenho de cada um, cunhado na expressão da língua inglesa *self made man*. Portanto, não se rompe com o círculo vicioso das “significações dominantes”, na linguagem de Guatarri (1977, p. 70).



Figura 1: Monitor, alunos e o triciclo da Rádio Pedal (outubro 2014)

O refrão é emblemático de como a ideia de triunfo é em resumo a realização pelo consumo, pois este define um estilo de vida:

Quem nunca sonhou, ter tudo o que quiser
 Conhecer o mundo limousine cuja fé é
 Conviver no luxo, sair do anonimato
 O sonho abre porta é a saída dos barracos.

No refrão, além de carros luxuosos, o dinheiro é a posta para se sair do anonimato. Quem sabe virar uma celebridade? Outro trecho da música responde a esta pergunta: “Me via no iate atracado no cais, Rodeado de mulher bebendo aquele uísque, Virando a madrugada, fazendo vários brindes” [...]. Bourdieu confere que “às diferentes posições no espaço social correspondem estilos de vida, sistemas de desvios diferenciais que são a retradução simbólica de diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência” (1983, p. 82). Portanto, em “Sonho de pivete”, os valores simbólicos da mudança do barraco para outro estilo de vida são expressos por ícones do mundo do consumo das classes economicamente superiores: carros, iate, whiskey, e, principalmente, ser alguém reconhecida, ser uma celebridade.

Na música, há um inconformismo perante as condições de vida dos excluídos socialmente. Busca-se no estilo de vida de classes economicamente ricas um espelho de realização. Como disse Bourdieu, estes sistemas geradores de preferências de estilos de vida,

exprimem segundo sua lógica própria a necessidade dessas condições em sistemas de preferências cujas oposições reproduzem, sob uma forma transfigurada e muitas vezes irreconhecíveis as diferenças ligas à oposição na estrutura da distribuição dos instrumentos de apropriação, transmutadas, assim, em distinções simbólicas. (1983, p. 83)

As distinções simbólicas apontadas na letra do *Rap* estão apenas ao nível do consumo, pois as distinções sociais de classe da ordem do capital cultural e bens de cultura legítimos estão fora do vocabulário e do repertório apresentados pela letra da música. O valor simbólico supremo, porém, está em ser “conhecido”, ser “celebridade”, ser um “olimpiano”. O conceito de olimpiano, cunhado por Morin, é que esse é um produto da cultura de massa e por ela se expressa na dualidade do mundo dos sonhos e do mundo da identificação, na dinâmica entre o divino e o profano (1984).

O adolescente justificou por escrito o porquê de se ouvir a música:

A música fala de um menino q era nobre e não se emportava com o q qui ele tinha ele falava q um tennis para ele sem marca ele imaginava que era um nike, ele falava q para ele um simples carrinho de rolimã era para ele uma bmw socada e um radinho de pilha para ele era um som automotivo performizado, ele fala q para ele uma simples Bike enferrujada era uma Kavazaki, então eu escolhi esta musica com o interesse de passar para os alunos q nem sempre o mais caro e o melhor pois tem gente q acha q é feliz só pq tem o mais caro e as veze nem sempre é assim. nem sempre a aparência é tudo, pois o que vale é o lado de dentro das pessoas, o caráter etc.

Percebe-se que o aluno vai além do entendimento do “Sonho de Pivete”. Embora valorize os bens simbólicos apontados como status social – o tênis da marca Nike, os carros das marcas BMW e Mercedes Benz e a motocicleta Kawasaki – o aluno da escola Municipal Hugo Pinheiro anuncia um novo conceito e faz dele o centro de seu argumento: o caráter que todos devem ter. É o valor maior. Este tem o feitiço da moral e se liga à firmeza moral de uma pessoa. A moral, por sua vez, é constituída social e culturalmente por um coletivo de pessoas. Não é lei, é opinião construída em sociedade. Isto vai ao encontro do que Locke definiu como norma das ações, que viesse a servir para julgar se elas seriam virtuosas ou viciosas, portanto, diz respeito a ideias morais que são julgadas (Locke, 1987).

Nessa direção, o valor supremo ao adolescente, resumido por ele como “caráter”, talvez esteja de acordo com a visão socrática de “fazer o

que é justo, permanecer no lugar adequado, obedecer ao deus” (Platão, 1996, p. 78). Mesmo de acordo com a visão de Sócrates do que seja o justo e eticamente aceito, o discurso do adolescente não nega o consumo como algo muito importante, embora subordinado às leis da moral e da ética. O consumo é a entrada para um novo mundo, para a inclusão. Conforme disse Ribeiro (2013), é importante a inclusão pelo mercado e pelo consumo, mas estes devem acompanhar as dimensões da cultura e da educação.

O então monitor Marcelo Souza, que esteve à frente por 14 meses conduzindo a oficina nesta escola, avalia que a experiência muito interessante. Para ele a relação dos alunos com a comunicação, com o meio rádio e com o entretenimento é bem diferente e singular: “Eles estão inseridos em outro contexto. Por exemplo, eles não ouvem rádio convencional. Eles não refletem muito sobre o conteúdo das coisas que eles consomem. São consumidores passivos. Procuramos a proposição de uma reflexão sobre isto”.

Por sua vez, a responsável pela Escola Integrada na Escola Hugo Pinheiro, professora Daniela Terra, dimensiona positivamente a oficina para o aprendizado dos alunos. Portanto, pontua que houve um desenvolvimento das capacidades de “leitura, escrita, fala e estudo. Além do mais, a Rádio Pedal extrapola os muros da escola, proporcionando o contato desta com a comunidade”.

Uma polêmica atravessou as atividades da oficina radioescola na Hugo Pinheiro: entre as músicas solicitadas pelos alunos para ser executadas, o ritmo *Funk* não podia ser tocado na Escola. Havia uma resolução do Conselho dos Professores dessa unidade segundo a qual o ritmo não deveria fazer parte do repertório musical didático da Hugo Pinheiro. Porém, era o ritmo mais solicitado pelos alunos. Cabe dizer que o ritmo é a tradução cultural das camadas populares das grandes cidades. Sua origem está nos Estados Unidos, como uma derivação do *Soul Music*, que por sua vez, é o resultado do *Rhythm e Blues* e do *Gospel* (Viana, 2010). O aluno/bolsista da UNA Marcelo Souza, por sua vez, questionou a decisão da escola: “Para se ensinar devemos entrar no universo da criança, no mundo que ela vive, então como pode se desconsiderar o Funk em escolas de baixa renda?”

A professora responsável pela oficina radioescola da UNA levou o problema à então coordenadora do projeto Escola Integrada da Secretaria de Educação de Belo Horizonte, Telma Rodrigues. Ela, por sua vez, disse que não havia nenhuma orientação da Secretaria em relação ao *Funk* ou qualquer outro tipo de censura a métodos pedagógicos. Isto seria algo localizado, uma decisão interna da Escola Hugo Pinheiro.

Para solucionar o impasse, a direção da Escola solicitou ao monitor Marcelo Souza que fosse à reunião dos professores da unidade escolar e

explicasse o seu ponto de vista. Lá, ele argumentou que pelo *Funk* ser muito bem aceito pelos alunos, o ritmo deveria ser usado com outras letras, como poemas e cordéis com o intuito de despertar a criatividade das crianças e adolescentes da Escola Integrada. O *Funk* foi liberado e, hoje, até versos do consagrado poeta Carlos Drummond de Andrade são embalados na batida deste ritmo musical nas oficinas de áudio-literatura. Cabe recordar que o funk não é bem aceito em vários segmentos sociais no Brasil:

Em meio a essa aproximação, o funk continua a enfrentar ondas de associação criminal, porém a indústria cultural se encanta novamente pelo gênero. Mesmo com são e barulho dos funkeiros e com todos os recordes de vendas de suas produções, o gênero não emplaca como sendo de primeira linha e permanece estigmatizado como subproduto cultural, no sentido de ser classificado como produção menor dentro das gravadoras que ainda apostavam no funk. (Viana, 2010)



Figura 2: Alunos da Escola Municipal Hugo Pinheiro em atividade no estúdio de áudio

Fonte: Luis Octávio Gomes, 2014

CONCLUSÕES

As experiências desenvolvidas nas oficinas do Radioescola reforçam a percepção de que os caminhos para o aprendizado via o lúdico e a inserção cultural são necessários, quando se busca o protagonismo social

e a inserção cidadã das pessoas que foram ou ainda são excluídas social e economicamente.

A criatividade dos jovens nas oficinas do radioescola mostra o potencial latente desta geração nascida no novo milênio, na marca das tecnologias como prolongamento do corpo, em um ambiente social menos perverso e menos excludente do que fora no passado o Brasil.

Outra percepção é que não se pode copiar modelos de oficinas de uma escola para outra. O próprio oficineiro, com sensibilidade às diferenças, na observância do perfil dos adolescentes da rede municipal, vai testando os métodos mais eficazes para que se aforem as potencialidades dos jovens protagonistas.

Por fim, em tempos de ambientes multimídia e interativista, a sonosfera se confirma como importante aliada para se despertar as mentes criativas no processo de aprendizagem via cultura e comunicação dialógica, a educação pelo avesso.

REFERÊNCIAS

- Balsebre, A. (2013). O rádio está morto... Viva o som! ou como o rádio pode se transformar em uma nova mídia. *Revista Significação*, 39, 14-23.
- Bourdieu, P. (1983). *Sociologia*. São Paulo: Editora Ática.
- Ministério da Educação Brasileiro (s/d) *Ideb*. Acedido em <http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=336>
- Centro Universitario UNA (2011). *Programa Escola Integrada*. Belo Horizonte: UNA.
- Centro Universitario UNA (2014). *Programa escola integrada da Prefeitura de Belo Horizonte - Propostas de oficinas pedagógicas – 2014/15*. Belo Horizonte: UNA.
- Dilkin, A. & Torrescasana, M. (2010). Radioescola Tancredo Neves – Uma proposta de Mídia Cidadã. In *Conferência Sul-Americana De Mídia Cidadã* (pp. 453-565). Pato Branco (PR). Acedido em <http://www.unicentro.br/redemc/2010/Artigos/Radioescola.pdf>
- Escola Integrada. Portal Prefeitura de Belo Horizonte. Acedido em http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pldPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=educacao&tax=17919&lang=pt_BR&pg=5564&taxp=0&

- Guatarri, F. (1985). *Revolução Molecular: pulsões políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense.
- Lima, C. (2006). *Guia de implementação de projeto Rádio Escolar*. São Paulo: Programa Educom - Secretaria Municipal Do Fundamental e médio.
- Loccke, J. (1978). *Il tratado de Governo. Coleção dos Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural.
- McLuhan, M. (1964). *Understanding Media: The extension of man*. Nova York: Signet.
- McLuhan, M. (1971). *Os meios de comunicação como Extensão do homem*. São Paulo: Cultrix.
- Morin, E. (1984). *Cultura de massas no século XX*, v. 1, 6ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Organização das Nações Unidas (1989). *Convenção da ONU sobre: os direitos da criança e do adolescente*. Nova Iorque: Acedido em http://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10120.htm
- Platão (1996). *Apologia de Sócrates*. São Paulo: Coleção Os Pensadores/Nova Cultural.
- Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) (2014) *Brasil sobe uma posição no ranking do IDH e fica em 79º entre 187 países*. Acedido em <http://www.pnud.org.br/noticia.aspx?id=3909>
- Ribeiro, R. (2014). A inclusão social pela cultura. *Valor Econômico*. Acedido em <http://www.valor.com.br/colunistas>
- Viana, L. (2010). O Funk no Brasil: música desintermediada na cibercultura. *Sonora*, 3, 5. Acedido em <http://www.sonora.iar.unicamp.br/index.php/sonora1/article/viewFile/32/31>